



LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA:
relatório de experiência de estágio supervisionado na Escola Estadual
Nilza de Oliveira Pipino

Fernando Hélio Tavares de Barros*

RESUMO

Este artigo é a síntese do relatório de Estágio de Observação Supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura realizador no segundo semestre de 2010 no 6^a semestre do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Sinop – Mato Grosso. A vivência com alunos do Ensino Fundamental possibilitou tecer considerações acerca da prática docente em Língua na realidade da escola pública, permitindo assim apresentar algumas conclusões críticas acerca do papel do livro didático e a não utilização do texto literário como combate ao dogmatismo e alienação sócio-humana.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Língua Portuguesa. Literatura.

1 INTRODUÇÃO

O relatório de observação de estágio de Língua Portuguesa e Literatura tem como objetivo: tratar de descrever a realidade educacional das escolas visitadas, compreender a construção do ensino e conseqüentemente a da aprendizagem nos ambientes escolares observados, descrever através de observação as metodologias aplicadas na sala de aula.

O estágio é um período necessário para o processo de formação profissional, pois possibilita ao estudante ter a vivência com os conhecimentos aprendidos na sua formação superior, pois é o espaço no qual o acadêmico irá compartilhar seus conhecimentos, fazendo relação entre a teoria e a prática, cooperando para a construção de uma melhor educação através dos seus apontamentos baseados em suas experiências.

* Acadêmico do 8º semestre do Curso de Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas da Universidade do Estado de Mato Grosso; pertencente ao Grupo de Orientação da Profª Dra. Tânia Pitombo de Oliveira, do *campus* Universitário de Sinop – UNEMAT.

No estágio de observação é necessário observar e analisar dez aulas do Ensino Médio e outras dez no Fundamental, considerando o seu funcionamento, conjugando-as com os outros componentes que compõem o processo. O estágio tem como objetivo proporcionar um contato dos futuros professores de Língua e Literatura com a sala de aula, ambiente que precisa se habituar para que seu desempenho como educador seja eficaz.

O estágio do Ensino Fundamental foi realizado na Escola Municipal Centro Educacional, e o Ensino Médio foi realizado na Escola Estadual Nilza de Oliveira Pipino. As observações aconteceram no período matutino, entre os dias 02 e 30 de setembro.

O cunho principal deste relatório é apresentar a realidade vista como tal e após desenvolver uma análise crítica sobre o que foi presenciado. Este relatório está dividido em quatro partes: primeiramente os procedimentos, pelos quais serão apresentadas as escolas estudadas, descrevendo os aspectos físicos, humanos e pedagógicos. Dentro deste mesmo item serão descritas as aulas presenciadas durante o processo de observação.

A análise crítica dos resultados trabalhará uma reflexão acerca do que foi visto, os pontos positivos e negativos da experiência do estágio, utilizando teóricos que trabalham na área de ensino-aprendizagem, como também pensadores da área da filosofia, alguns estudados durante o período de estudo anterior ao contato com a sala de aula. Em seguida, o relatório apresentará a bibliografia que sustenta a argumentação.

2 PROCEDIMENTOS

2.1 ASPECTOS FISICOS E HUMANOS DO CENTRO EDUCACIONAL LINDOLFO TRIERWEILLER

O Centro Educacional Lindolfo José Trierweiller foi criado pelo Decreto nº 011/1996 e Lei nº 517/98. O Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries foi autorizado pela Resolução 32/04 CEE/MT.

Atualmente, atende alunos de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e Alfabetização de Alunos D.A, além de oferecer Sala de Recursos para alunos Deficiência auditiva (D.A.) e Deficiência visual (D.V.) e sua organização, ou seja, o tempo escolar se dá por série.

Os critérios de seleção que a escola utiliza é distorção idade/série e para alunos com Necessidades Educacionais Especiais é de acordo com o grau de dificuldade de cada um. Aos portadores de necessidades educacionais especiais são oferecidos serviços de apoio especializado e adaptação curricular de acordo com a necessidade de cada educando.

O Centro Educacional Lindolfo José Trierweiller atende 893 alunos, divididos em 29 turmas, sendo 26 de Ensino Regular, 01 de Alfabetização de Alunos Portadores de Deficiência Auditiva, 01 Sala de Recursos para Alunos Portadores de Deficiência Visual e 01 Sala de Recursos para Alunos Portadores de Deficiência Auditiva, no período matutino e vespertino.

2.2 ASPECTOS FÍSICOS E HUMANOS DA ESCOLA NILZA DE OLIVEIRA PIPINO

A Escola Estadual Nilza de Oliveira Pipino deve se orgulhar por ser a primeira escola de Sinop, sob a liderança da professora Nilza de Oliveira Pipino, razão pela qual carrega hoje, a escola, seu nome. Foi fundada em 12 de janeiro de 1976, por decreto do Excelentíssimo Presidente da República do Brasil, General Ernesto Geisel, líder político que assumiu a presidência do Brasil em 15 de março de 1974. Seu governo foi marcado pelo início de uma abertura política e pela amenização do rigor do regime militar brasileiro, durante o qual encontrou fortes oposições de políticos chamados de linha-dura.

Atualmente, a Escola Nilza de Oliveira Pipino atende alunos do Centro da cidade, e também dos bairros: Jardim das Palmeiras, J. Imperial, Boa Esperança, Jacarandás, violetas, Jd das Nações, Jd Botânico, Jd Industrial, Jd Imperial, Jd Paraíso, Jd Primavera, Jd Celeste Maria Carolina dentre outros, conforme se vê no gráfico XX.

A escola Nilza de Oliveira Pipino atende cerca de 1300 alunos do Ensino Fundamental e Médio, têm cerca de 102 funcionários e de 80 professores, efetivos e contratados. Possui uma quadra coberta, 20 salas de aula, um laboratório de informática, sala dos professores, três banheiros e os recursos didáticos e técnicos diversos (sala com mesas e cadeiras, quadro, aparelho de TV e Vídeo Cassete, Retro projetor, computadores, material teórico – coletânea: revistas, jornais, livros para- didáticos , textos variados, PCNS e materiais enviados pelo MEC) e uma biblioteca.

No período noturno, nos dias atuais, sua estrutura recebe os alunos do CEJA (Centro de Educação de Jovens e Adultos), nível 1ª a 7ª e a 8ª série é seriada. Sua estrutura física é boa, a iluminação parece estar em boas condições (as aulas foram no período matutino, não foram vistas ligadas, mas pareceu bem conservadas). As carteiras em bom estado de conservação contrapõem à ventilação que fica a desejar, uma vez que suas janelas são altas, impedindo uma ventilação condizente. A pintura não é nova, mas ainda não desbotou, enfim, é um ambiente harmônico. O que se pode acentuar é que suas salas de aula são inadequadas ao clima quente. O Ensino Médio e Fundamental funcionam na modalidade

seriado; são três os turnos de funcionamento: matutino, vespertino e noturno, sendo que este, como já foi dito, são alunos do CEJA, que ocupam o ambiente.

2.3 DADOS HISTÓRICOS DA ESCOLA

Presidente: Ernesto Geisel, Governador: José Garcia Neto, 1º Administrador: Osvaldo de Paula 1º Vereador: Plínio Caglegaro, 1ª Diretora: Irmã Editha, Fundada em 12 de janeiro de 1976. Autorizada em 12 de outubro de 1978.

Figura 0.1



A professora Nilza de Oliveira Pipino nasceu em Santa Maria Madalena-RJ em 13 de dezembro de 1920. Casou-se em 12 de junho de 1940 com Enio Pipino. Fundaram em 1947 a Sociedade Imobiliária do Noroeste Paranaense. Faleceu em 21 de fevereiro de 1984.

Fonte: Secretaria da Escola Estadual Nilza de Oliveira Pipino

Figura 0.2



Alunos da escola Nilza de Oliveira Pipino participando de comemoração cívica de frente a escola no ano de 1979

Fonte: (ERARDI, 2007 p.124)

3 DESCRIÇÃO DAS AULAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Sempre houve boa recepção por parte da escola, na qual foram observadas as aulas de Ensino Fundamental, e pelo professor A, o qual sempre buscou manter diálogo com os estagiários oferecendo informações acerca dos conteúdos que trabalhava e a respeito dos alunos de suas salas. Foram assistidas a dez aulas do professor A, durante a semana. No primeiro dia de observação, no dia 22 de setembro, foram observadas quatro aulas de Língua Portuguesa. As aulas foram na 6ª B e na 6ª A, assim distribuídas: as duas primeiras foram na 6ª B e as demais na 6ª A. Os alunos das duas primeiras aulas estavam calmos e pacientes. Assim que o professor conseguiu desenvolver o conteúdo, contextualizando-o e proporcionando o mantimento da atenção de todos. O texto trabalhado foi a respeito da realidade da água doce no planeta Terra. Quase todos os alunos trouxeram o livro didático e, após o professor indicar a página a ser trabalhada, de imediato abriram seus livros, observaram a ilustração e conseqüentemente puderam perceber qual a temática proposta.

Pelo o que foi observado, o professor planejou essa aula direcionando os alunos a um pensamento crítico a respeito da representação da água na vida e na rotina de uma sociedade, uma vez que cada aluno teria concepções distintas deste elemento em sua vida particular. O professor não utilizou outro recurso senão o livro didático, mas um princípio importante que o professor não deixou à parte, foi o desenvolvimento da prática intelectual proporcionada aos alunos, possibilitando a geração de sentido ante o assunto em debate. Nessa perspectiva, é possível considerar válida a abordagem, pois como Charlot (2006, p. 98) relata o “importante é saber o que vai permitir ao aluno aprender a desenvolver suas próprias práticas intelectuais”.

Assim, os alunos leram o texto de maneira democrática, ou seja, um de cada vez, e logo após, trataram de expressar suas opiniões acerca da representatividade da água em suas vidas. Um relato de uma das alunas chamou bastante a atenção do professor, pois ela disse que a água era tudo para a sua família, que a valorizava muito, uma vez que sua mãe era lavadeira e só podia trabalhar quando havia água em casa. O professor, após ouvir a todos os alunos que queriam se expressar, escreveu no quadro a palavra água e pediu então para que os alunos fizessem o mesmo em seus cadernos. Logo após, pediu para que colocasse envolta dessa palavra outras cinco palavras que pudessem descrever o papel da água na sociedade, e em seguida, redigissem uma redação, explicando o porquê da escolha daquelas palavras. As outras duas aulas, como já dito, foram na 6ª B, onde o professor trabalhou o mesmo texto e encaminhou os alunos para a mesma reflexão, porém os alunos não se encontravam silenciosos, estavam bastante agitados, uma vez que haviam acabado de chegar da aula de Educação Física. O relacionamento do professor com os alunos foi bastante amistoso, isso com todas as séries com as quais trabalha. É perceptível o respeito que os alunos têm para

com o professor A, pois além da idade e do extenso tempo em sala de aula, que são fatores que influenciam, o professor procura sempre ter uma postura que faça os alunos perceberem a representação de um profissional ético, humano e crítico.

Grande parte dos alunos apresenta um comportamento agitado, principalmente no intervalo entre aulas, em que é perceptível o desrespeito de um para com o outro. Na sala de aula esse desrespeito é suavizado, uma vez que o professor A preza pela boa convivência e sempre chama a atenção quando há algum desrespeito, por exemplo, propondo pedido de desculpas e fazendo-os lembrar que um comportamento correto é um comportamento ético e humano, que o respeito para com o outro é algo construtivo e necessário para manter amizades e boa convivência na sala de aula.

No dia 23, foram presenciadas duas aulas do professor A: uma na 7ª A e a outra na 7ª B. O professor planejou ambas as aulas para a apresentação de resumos feitos pelos alunos dos livros de literatura que cada um havia escolhido para ler. As apresentações não foram feitas por ordem alfabética nem por outro tipo de ordenamento, e, sim, pela disposição dos alunos. Quem se sentisse à vontade para apresentar seu trabalho, seria convidado a ir próximo à mesa do professor, ler sua produção textual e, logo após, deveria relatar sua experiência com o livro escolhido. Houve dificuldade em se manter o silêncio na sala de aula, porém a conversa paralela era combatida até pelos próprios alunos, aqueles que estavam atentos e se sentiam incomodados com o comportamento alheio. Nesse sentido, o professor também teve um papel decisivo para manter a atenção dos alunos na apresentação dos colegas, uma vez que ele permanecia em pé e percorria a sala de maneira que a conversa paralela não tinha espaço para atuar. As duas salas apresentaram um perfil semelhante, maior parte dos alunos, mais participativos, sentados a frente, e os que apresentam um comportamento problemático, sentados ao fundo. A direção da escola mostrou-se atenta a isso, já que sempre pedia ao professor A, isso quem relatou foi o próprio, para que mude de carteira, quando for necessário, os alunos que estão, por motivo de conversa paralela, atrapalhando o andamento da aula.

No dia 24 de setembro foram presenciadas mais duas aulas do professor A, na 6ª C. Ele utilizou o mesmo texto utilizado nas aulas do dia 22 nas outras 6ª séries, o texto que retrata a realidade da água no planeta Terra. Porém os alunos destas duas séries estavam bastante agitados, ambas as aulas foram após o intervalo, um horário que não possibilita o mesmo desempenho que o horário anterior, pois, segundo o professor, os alunos já se encontram cansados, principalmente, na última aula do horário. O texto foi lido, porém nem todos os alunos estavam interessados em fazer um comentário. A conversa paralela esteve

bastante presente e logo foi cessada por um convite da coordenação, que convidou o professor A e classe a dirigir-se ao anfiteatro para assistir a uma palestra sobre o trânsito. Os alunos saíram em direção à porta para formar uma fila. Com bastante dificuldade, o professor A os organizou e os dirigiu para o lugar indicado. A palestra tratava a conscientização acerca da importância do agente de trânsito e dos itens que compõem o trânsito e o papel do cidadão. Os alunos escutaram a palestra e dialogaram com a palestrante. Em seguida, retornaram para a sala de aula, pois em dez minutos terminaria o horário de aula e retornariam para casa.

No dia 27 de setembro acompanhou-se o professor A até as salas 6^a A e 6^a B, nas quais ele daria prosseguimento às atividades iniciadas nas aulas anteriores. O professor perguntou se todos haviam terminado a produção textual proposta após a leitura do texto que tratava da realidade da água no planeta, pois cada aluno iria ler e compartilhar seu trabalho com os colegas. A resposta foi parcialmente positiva, pois ainda havia alunos que não tinham terminado. Assim, o professor proporcionou àqueles que ainda não haviam terminado a oportunidade de finalizar e apresentar na próxima aula. Porém, os que já tinham pronta tal produção, poderiam apresentar naquele momento, e foi o que se sucedeu. Algumas apresentações foram longas e outras nem tanto. A segunda aula foi na 6^a B, na qual também foi trabalhado o referido texto e que havia um maior número de alunos com a produção textual finalizada, assim, poucos alunos ficaram sem apresentar. Os alunos estavam dispostos em círculo, por terem feito uma atividade proposta na aula anterior. Assim, o professor A preferiu manter a disposição dos estudantes como estava, e grande parte da aula manteve-se em pé ao lado do aluno que estivesse apresentando, ao fim da apresentação de cada um via o texto e chamava o próximo a ler. A aula terminou e poucos ficaram por apresentar. Os alunos saíram freneticamente da sala, e como de hábito esperou-se o professor carregar seu material para agradecer a ele e dirigir-se à sala de professores.

4 DESCRIÇÃO DAS AULAS ENSINO MÉDIO

Numa quinta-feira, dia 02 de setembro de 2010, visitou-se a Escola Estadual Nilza de Oliveira Pipino na qual se recebeu atenção da coordenadora e a professora de Língua Portuguesa, as quais ofereceram de bom grado o espaço para a realização do estágio de observação. A professora de Língua Portuguesa e Literatura, a qual será designada com a letra B, fez o convite para assistir a sua primeira aula do dia num dos segundos anos do Ensino Médio no qual ela trabalha. O 2º ano A, contava com 33 alunos. Ela entrou, e, logo após obteve-se a permissão para entrar e acomodar-se ao fundo da sala.

A professora B aplicou uma avaliação, na qual constavam perguntas a respeito de três obras lidas pelos alunos: **Os miseráveis** de Victor Hugo, **O cortiço** de Aluísio de Azevedo e **O Alienista** de Machado de Assis. Os alunos receberam as avaliações e começaram a redigir as respostas. Após o sinal e adentrar a segunda aula, a professora fez a chamada e esperou alguns minutos para a entrega das avaliações. Em seguida ela sugeriu uma auto-avaliação aos alunos, para que cada um aplicasse uma nota equivalente a sua participação, ao comportamento, e à aprendizagem, etc. Houve a socialização e logo após o término da aula, esperou-se a saída dos alunos para acompanhar a regente afim de aguardar o começo da próxima aula que seria no 2º ano B.

A classe do 2º ano B é composta por 26 alunos, grande parte deles já sentados em suas carteiras aguardando a professora. A professora adentrou e fez a apresentação dos estagiários. Foi pedido aos alunos que abrissem os livros didáticos. O conteúdo trabalhado era a Escola Literária Realista, apresentando a sua configuração em Portugal e no Brasil.

Antero de Quental foi o primeiro autor a ser trabalhado, suas poesias foram lidas pelos alunos de forma alternada. A conversa paralela era um fator que dificultava a participação e o entendimento da leitura. Após o término do conteúdo, o próximo foi elencado sem nenhuma pausa para reflexão do que havia sido visto.

A prosa era o próximo conteúdo a ser visto pelos alunos, sendo Eça de Queirós o autor trabalhado. O livro didático trazia a biografia do autor e, em seguida, um recorte de sua obra **O Primo Basílio**. Além desse recorte, havia pequenos quadros onde se encontrava referências de algumas produções cinematográficas adaptadas a partir das obras de Eça. Foi apresentada a biografia, e em seguida ela os convidou a ler alternadamente o trecho de **O Primo Basílio**.

Deu-se início a leitura, porém, a conversa paralela estava realmente atrapalhando o seu andamento, fazendo a professora interromper quatro vezes para chamar a atenção. Os alunos não se importavam, e, grande parte estava desatenta e ansiosa para a próxima aula, a de Educação Física.

A quarta aula foi observada numa outra classe de 2º ano do Ensino Médio, no 2º ano D que conta com 22 alunos, sendo duas alunas especiais, ambas auxiliadas por apenas uma professora interprete, lembrando que sua presença para alunos especiais é assegurada pela lei nº 10.436 de abril de 2002. As alunas se comunicavam apenas pela língua de sinais, e estavam atentas a sua interprete e à professora.

Havia muita conversa na sala, a professora não trabalhou todo conteúdo planejado, uma vez que ela interrompia a aula para falar sobre assuntos que não estavam no contexto. O recurso para a aplicação da aula novamente foi o livro didático. O conteúdo trabalhado foi o

Realismo no Brasil, porém, anteriormente, a professora B fez um pequeno diálogo com os alunos para que eles recordassem do período realista em Portugal, conteúdo trabalhado na aula passada, e logo após perguntou se os alunos já tinham aberto o livro na página informada.

No dia 03 de setembro de 2010, foi acompanhada a professora à sala do 2º ano F. O conteúdo trabalhado foi do livro didático¹ nas páginas 261 a 266. Os alunos eram 26 ao total. Ela começou a dialogar com os alunos sobre as escolas literárias já vistas e a dizer-lhes que naquela aula seria apresentada a escola realista. Eles abriram o livro na página indicada e começaram a leitura do conteúdo introdutório. Logo após, a professora B os proporcionou conhecer as imagens que representavam a vida rural portuguesa, porém esqueceu-se de trazê-las à reflexão. Os alunos estavam abertos ao diálogo, e a conversa paralela era em menor escala comparada a outras classes.

A professora não abriu espaço aos alunos para tecerem sentidos às poesias do autor, ela apenas teceu conclusões particulares acerca dos aspectos estéticos da escola literária presentes na poesia e logo voltou a sua mesa para fazer a chamada já fazia pouco que o sinal soava recordando o início da segunda aula. Ela pediu aos alunos respondessem as questões propostas no livro. Após isso a professora começou a leitura da biografia de Eça de Queirós, em seguida a contextualização do conteúdo, de repente o segundo sinal soou deixando claro o início do intervalo.

A terceira e a quarta aula da professora foram no 2º ano C, nas quais iniciaria o mesmo conteúdo trabalhado nas outras turmas de segundo ano, a Escola Literária: Realismo. O 2º ano C é composto por 31 alunos, não conta com nenhum aluno especial, e, segundo ela, é a melhor sala para se trabalhar, uma vez que a participação dos alunos é efetiva e a conversa paralela não é comum. E, realmente, suas palavras foram confirmadas, pois os alunos têm um grande apreço por ela. Nesta sala, o conteúdo recebeu um grande destaque, permitindo a professora indicar outras leituras que fazem parte da escola literária e desenvolver uma conversa dentro do assunto.

No dia 9 de setembro assistiram-se às professora para assistir às últimas aulas no 2º ano G. A professora pediu para que os alunos se concentrassem para a aplicação da avaliação que traria questões dos livros lidos por eles. A avaliação ocorreu com tranquilidade, sendo poucos alunos levantando a mão para tirar dúvidas sobre as questões propostas. A segunda aula foi reservada para a auto-avaliação. Para a professora, a aplicação de prova se constitui o melhor mecanismo para comprovar os aprendizados.

¹ FARACO, Carlos Emilio. MOURA, Francisco Marto. **Português: série novo ensino médio**. São Paulo: Ática didáticos, 2007.

5 CONCLUSÃO

Para iniciar essa análise crítica, escolhe-se enfatizar a necessidade da prática da pesquisa para o profissional da educação. É necessário “pensar o estágio como pesquisa, [...] de nada valeria se não pudéssemos pensá-lo numa dimensão maior: a de um projeto coletivo de formação do educador” (KENSKI, 1991, p.82). Considerando que “[...] ser professor é defrontar-se incessantemente com a necessidade de decidir imediatamente no dia-a-dia da sala de aula” (CHARLOT, 2006, p.91), a importância da pesquisa se constitui necessária para a melhoria das práticas de ensino e para o funcionamento do ensino-aprendizagem, uma vez que o:

“[...] papel da pesquisa é forjar instrumentos, ferramentas para melhor entender o que está acontecendo na sala de aula; é criar inteligibilidade para melhor entender o que está acontecendo ali. Depois, o professor vai se virando, no dia-a-dia, na situação contextualizada em que estiver vivendo.” (CHARLOT, 2006 p.91)

Durante o estágio de observação foi constatado que o livro didático se constitui para os sistemas educacionais observados material único e dogmático, tornando a educação engessada. É pertinente dizer que há profissionais que trabalham o livro didático de maneira alternativa e não conservadora, que procura desconstruir ideologias e guiar seus alunos para caminhos de sentidos possíveis, porém mesmo assim é necessário que eles estejam atentos, a que Lajolo (2000, p. 63) propõe: “[...] muitos livros didáticos contêm erros graves de conteúdo, que reforçam ideologias conservadoras, que subestimam a inteligência de seu leitor/usuário, que alienam o professor de sua tarefa docente”.

Quando o professor A propôs um repensar sobre o que seria água, constatou-se a postura de um profissional da educação que desconstrói o senso comum, e que procura despertar ou dar continuidade à atitude crítica por parte dos seus alunos, oportunizando-os a resignificar a água, tendo uma postura não dogmática. Chauí (1995, p. 94) define dogmatismo como “uma atitude muito natural e muito espontânea que temos, [...] é nossa crença de que o mundo existe e que é exatamente tal como o percebemos”. Vêm-se atitudes como essas como fortificantes para o ensino de língua e cultura, para a prática da leitura, para que o aluno perceba que tudo é texto, pois tudo é linguagem.

Assim, é pertinente dizer que esse tipo de trabalho de desconstrução, da busca da verdade e do pensamento crítico é louvável, pois como afirma a filósofa Chauí (1995, p. 96) “se as palavras tivessem sentido óbvio e único, não haveria literatura, não haveria mal-entendido e controvérsia”.

É desta forma que grande parte dos livros didáticos, conforme apontado por Lajolo (2000, p. 63), está sempre reforçando ideologias conservadoras uma vez que a “[...] atitude dogmática é conservadora, isto é, sente receio das novidades, do inesperado, do desconhecido e de tudo o que possa desequilibrar as crenças e opiniões já constituídas.” (CHAUI, 1995 p. 98)

É claro que o trabalho do professor A não é desenvolvido num ambiente com boas condições laborais, uma vez que o meio onde seu trabalho é desenvolvido possui uma historicidade, um desnivelamento na aprendizagem e nas concepções do ato da leitura por parte dos alunos, porém constata-se que seu desempenho como profissional da educação encontra-se no caminho desejável, e que busca atingir metas que estão de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais como por exemplo posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva percebendo-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente.

É necessário considerar também que o papel da pesquisa, segundo Charlot (1990, p.91), “[...] é forjar instrumentos, ferramentas para melhor entender o que está acontecendo na sala de aula; é criar inteligibilidade para melhor entender o que está acontecendo ali.” Depois, o professor pode refletir e agir no seu dia-a-dia na situação contextualizada em que estiver vivendo. Por isso não se pode afirmar que o professor A, está utilizando uma metodologia não adequada e que ele poderia inovar, uma vez que ele está num contexto, e não cabe ao papel da pesquisa, segundo Charlot (1990, p.92) dizer ao professor o que ele deve fazer em sala de aula e sim fornecer-lhes “[...] ferramentas, instrumentos, inclusive instrumentos conceituais para que eles analisem as situações e realizem o trabalho possível.”

Sabe-se que ler não é um costume que nasce junto ao ser humano, e, sim algo que se apreende com a prática e vivência. Assim, o ato de ler é “[...] para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que se pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.” (LAJOLO, p.07)

Constatou-se que a professora B trabalhava o texto literário com o sentido de inscrição do mesmo na época de sua produção, desconsiderando o teor estético; ou, então, inscrevendo-o em conjuntos de juízos críticos que sobre ele se foram acumulando, esquecendo-se de “[...] fazer o aluno vivenciar a complexidade da instituição literária que não se compõe exclusivamente de textos literários, mas sim do conjunto destes mais todos os outros por estes inspirados.” (LAJOLO, 2000, p.16)

Durante a realimentação da aula de literatura, no dia 06 de outubro de 2010, a proposta era de realimentar a aula da professora B, a qual trabalhou a Escola literária realista utilizando o livro didático como objeto de trabalho. Na aula da professora, foram os alunos que leram o trecho da obra realista **O Primo Basílio** de Eça de Queirós, não estiveram após a leitura numa contextualização prévia para que pudessem se situar nesse espaço que a obra pertencia, ou seja a professora não tinha propiciado aos alunos meios para que ocorresse uma discussão que não ficassem só em dados históricos, e partissem para elementos estéticos, da discursividade, da retórica, e etc.

A realimentação se preocupou em centrar o texto como um elemento que pertence a uma historicidade social, para isso foi utilizados pensadores para retratar as temáticas que circulavam na sociedade daquele período e assim identificar essa obra como pertencente a este contexto, o texto foi lido após a contextualização e logo após partiu-se para um dialogo com os alunos acerca das representações existentes nele. Porém a abordagem utilizada para tal realimentação não foi adequada. Percebeu-se que havia a necessidade de reformulá-la para que houvesse um maior envolvimento dos alunos para com o texto, como por exemplo, oportunizando a leitura por eles e proporcionando meios que fizessem como objeto de debate as representações estéticas presentes da obra.

Logo é necessário que o professor busque ter uma postura mais centrada na reflexão do ambiente no qual está trabalhando para poder se movimentar e, além disso, nunca se distanciar do hábito da leitura de obras literárias, para reforçar, as palavras de Lajolo (2000, p.22) são de grande valia, pois segundo ela “o professor deve estar familiarizado com uma leitura bastante extensa de literatura [...] em outras palavras: o professor de português pode não gostar de Camões nem de Machado de Assis, mas precisa conhecê-los, entendê-los e ser capaz de explicá-los.”

LANGUE PORTUGAISE ET LITTÉRATURE:

Rapport d'Expérience de Stage Supervisé à l'École Publique Nilza de Oliveira Pipino

RESUMÉ²

Cet article est un résumé du Rapport de Stage sur la langue portugaise et la littérature, fait dans la deuxième moitié de l'année 2010 au sixième semestre du Cours des Lettres, à l'Université du Mato Grosso Campus Sinop - Mato Grosso. Vivre avec les élèves des écoles

² Tradução de própria autoria. (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

élémentaires a permis quelques remarques sur la pratique et l'enseignement de la langue, dans la réalité de leur école publique, présentant ainsi des conclusions sur le rôle critique de l'ouvrage et de la non-utilisation du texte littéraire comme la lutte contre le dogmatisme et l'aliénation sociale et humaine.

Mots-clés: Supervisé. La langue portugaise. Littérature.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard. Formação de professores: a pesquisa e a política educacional. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ERARDI, Luiz F. Santos. **Raízes da História de Sinop**. Sinop: Grafitec, 2007.

GARRIDO, Selma. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KENSKI, Vani Moreira. A vivência escolar dos estagiários e a prática de pesquisa em estágios supervisionados. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas: Papirus, 1991.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2000.